



**Centro Universitário de Brasília  
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

**NAYANE DIAS RIBEIRO**

**A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E SUAS ESPECIFICIDADES EM  
MENINOS E MENINAS**

Brasília  
2012

**NAYANE DIAS RIBEIRO**

**A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E SUAS ESPECIFICIDADES EM  
MENINOS E MENINAS**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica.

Orientador: Prof. Ciomara Schneider

Brasília  
2012

**NAYANE DIAS RIBEIRO**

**A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E SUAS ESPECIFICIDADES EM  
MENINOS E MENINAS**

Trabalho apresentado ao Centro  
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)  
como pré-requisito para a obtenção de  
Certificado de Conclusão de Curso de  
Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria  
Psicanalítica.

Orientador: Prof Ciomara Schneider.

Brasília, 30 de outubro de 2012.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Nome completo

---

Prof. Dr. Nome completo

À minha família.  
Sonhos e objetivos mudam e eles permanecem  
ao meu lado.

## **AGRADECIMENTO(S)**

Agradeço à minha orientadora, Ciomara Schneider, que conheci ainda na graduação de Psicologia e me mostrou a beleza do trabalho na clínica psicanalítica com crianças. Ao ver sua paixão durante o estágio de Psicanálise Infantil, me despertou a curiosidade; por isso, acabei me apaixonando também e me inserindo no grupo de profissionais no trabalho com crianças. A ela, agradeço a oportunidade e a confiança que investiu em mim durante o tempo de convivência (aulas, estágio e, por fim, monografia).

Agradeço, também, ao meu namorado, Hérecles Fontes, que foi como um anjo para mim durante essa caminhada. Um caminho difícil, com muitos obstáculos e que, por muitas vezes, a escolha mais fácil seria desistir desse trabalho. Porém, seu apoio e sua confiança em mim foi de extrema importância para que eu não desistisse e continuasse superando todas as dificuldades.

Por fim, um agradecimento especial à minha família, meus pais e meu irmão, que nunca deixaram de me apoiar e de me incentivar a realizar meus sonhos. E agora, mais um sonho realizado. Agradeço simplesmente por existirem na minha vida e por compreenderem e me acolherem nos momentos em que mais preciso.

A todos, muito obrigada!

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão sobre as diferenças entre meninos e meninas no desenvolvimento de sua estruturação psíquica infantil e as possíveis conseqüências que elas podem causar. Para discutir essas diferenças, esse estudo descreve como o sujeito se constitui ainda criança, dando ênfase no que acontece no inconsciente infantil dando possibilidade para o início de sua formação. A partir da explicação da constituição do sujeito, foi possível verificar como acontece em cada sexo, suas especificidades e suas conseqüências no sujeito. Diante disso, é feita uma análise de cada fase dessa constituição e como a criança pode sair bem ou não delas. Além disso, enumera-se algumas estruturas psíquicas resultantes da forma como cada sujeito elaborará o seu processo de constituição. Devido às diferenças nesse processo, o tempo e a forma como passam pela constituição justificam algumas características que o senso comum costuma atribuir aos sexos. Um exemplo, é o fato de encontrarmos mais meninos em clínicas psicológicas infantis e mais mulheres nos consultórios psicológicos. Esse tipo de trabalho enfatiza a importância do estudo aprofundado sobre como o sujeito se forma, se constitui, para todos os analistas, independente da idade e do sexo de seu paciente.

**Palavras-chave:** Constituição do sujeito. Complexo de Édipo. Diferenças entre os sexos.

## ABSTRACT

This paper aims to reflect on the differences between boys and girls in developing their psychic structuring child and the possible consequences they may cause. To discuss these differences, this study describes how the subject is constituted as a child, with an emphasis on what happens in the unconscious child giving possibility for the beginning of their training. From the explanation of the constitution of the subject, as it was verified in each sex, their specificities and their consequences on the subject. Therefore, an analysis is made of each phase of this constitution and how the child can succeed them or not. Furthermore, lists a few psychic structures resulting from the way each subject establish its constitution process. Due to the differences in the process, and how the time passes by the constitution justify some characteristics that common sense usually appoint the sexes. One example is the fact that we found more boys in psychological clinics for children and more women in psychological clinics. This type of work emphasizes the importance of thorough study on how the subject is formed, constitutes for all analysts, regardless of age and sex of the patient.

**Key words:** Constitution of the subject. The Edipus Complex. Differences between sexes.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>1 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO</b> .....	<b>11</b>
1.1 O início da constituição .....	11
1.2 A sexualidade infantil.....	12
1.3 A amnésia infantil.....	14
1.4 O Complexo de Édipo .....	16
<b>2 O COMPLEXO DE ÉDIPO EM MENINOS E MENINAS</b> .....	<b>20</b>
2.1 O começo do Complexo de Édipo .....	21
2.2 As fantasias edípicas .....	23
2.3 As descobertas infantis .....	25
2.4 A dissolução do Complexo de Édipo .....	28
<b>3 AS CONSEQUÊNCIAS DO COMPLEXO DE ÉDIPO</b> .....	<b>31</b>
3.1 Neurose ordinária.....	32
3.2 Neurose mórbida .....	33
3.2.1 Fobia.....	33
3.2.2 Histeria .....	34
3.2.3 Obsessão .....	35
3.3 Algumas variantes do Édipo feminino .....	36
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>42</b>



## INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, é recorrente escutar sobre direitos iguais para ambos os sexos. Entretanto, sabe-se que diferenças existem e não apenas no aspecto anatômico do homem e da mulher. É muito comum escutarmos no dia-a-dia que a mulher age com o coração enquanto o homem é mais racional. Assim como, quando crianças, os meninos dão mais trabalho que as meninas, que são doces e prestativas. Freud (1905/2006), ao pesquisar e teorizar sobre a sexualidade humana, fez uma grande contribuição ao escrever e descrever sobre a sexualidade infantil e como ela é fundamental para a constituição psíquica do sujeito. O modo como essa fase será vivenciada pela criança formará o adulto futuramente. Já nesse estudo, Freud (1905/2006) apresenta a sexualidade no menino e na menina porque há diferenças nessa experiência para cada sexo. Não só como acontece a sexualização de cada sujeito, mas como essa será entendida e resolvida em cada gênero. Essa maneira de resolução do menino e da menina é que contribuirá para sua constituição do sujeito e até desencadear alguns transtornos e formar estruturas psíquicas.

Ao refletir sobre o início da constituição do sujeito e perceber que desde esse momento já existem peculiaridades específicas para cada sexo, pode-se pensar nas características conseqüentes dessa distinção para cada gênero. Ou seja, a maneira como meninos e meninas se desenvolverão não será exatamente igual. Assim como a personalidade, o jeito de ser e a forma como lidarão com os acontecimentos da vida. Dessa forma, já observava Freud (1924/2006) ao distinguir a dissolução do Complexo de Édipo para meninos e meninas. Cada gênero tem uma forma distinta de sair do complexo edípico.

Pensando dessa maneira, que meninos e meninas enfrentam o Complexo de Édipo e sua resolução acontece de maneiras e em tempos diferentes, será que podemos pensar que as questões psíquicas a serem trabalhadas num processo de terapia também podem acontecer de maneiras e tempos diferentes? Ou seja, é possível que as angústias apareçam primeiramente no gênero masculino, quando ainda crianças, e no gênero feminino apareçam a partir da puberdade?

Por meio desse trabalho, a intenção é compreender as diferenças no desenvolvimento da estruturação psíquica infantil. Para isso, faz-se necessário descrever o Complexo de Édipo como processo de estruturação psíquica; analisar as diferenças desse processo entre o sexo masculino e o feminino; entender como essas diferenças podem interferir na maneira como cada gênero vivencia suas questões psíquicas e; por fim, compreender o fato de meninos serem o grande público de clínicas infantis e as mulheres serem o grande público de clínicas de adulto.

Esse trabalho, tendo como objetivo a compreensão das diferenças do desenvolvimento da estrutura psíquica infantil entre os dois sexos, tem como base para sua pesquisa uma revisão teórica psicanalítica. Primeiramente, utilizando obras clássicas de Freud como: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*; *A organização genital infantil* e *A dissolução do Complexo de Édipo* para explicitar como acontece a constituição do sujeito tanto em meninos como em meninas em sua origem da estruturação psíquica. Diante da estrutura montada, vem uma discussão sobre as diferenças de tempo e consequências para cada sexo a partir dos textos *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* e *Feminilidade*, também se tratando de clássicos freudianos. Além dos textos de Freud, também são utilizados textos clássicos de Lacan, como o *Estádio do Espelho* e *Os três tempos*

do *Édipo*, entre outros. A partir dessa revisão teórica de clássicos da literatura psicanalítica e a leitura de alguns autores contemporâneos psicanalíticos, buscaremos possíveis respostas para o que é observado na sociedade contemporânea, o fato do sexo masculino ser predominante na clientela infantil das clínicas psicológicas e o público adulto ser de grande maioria feminino.

A infância é muitas vezes desmerecida pelos pais, que acham que se trata apenas de brincadeiras e escola, não dão atenção às falas e sentimentos de seus filhos, até porque ninguém lembra do que realmente se passou em sua infância. Ou então, quando um analista se depara com um paciente adulto e suas angústias e não investiga a infância desse paciente. Esse estudo visa demonstrar a importância de uma fase da vida considerada tão simples, sem complicações e de pouca significância. Na verdade, a infância é a fase decisiva para a constituição do sujeito, na qual será formada a maneira de pensar, de lidar com as diversas situações da vida e se terá algum tipo de patologia. Independente da idade do paciente que estiver no consultório, o foco de trabalho é a sua infância e o que ficou cristalizado durante a sua constituição.

O presente trabalho está então estruturado em 3 capítulos.

No primeiro capítulo, é feita uma apresentação da psique infantil; como ela funciona, seus mecanismos e o que proporciona a constituição do sujeito ainda na infância, ou seja, o Complexo de Édipo. No segundo capítulo, é feita uma análise desse complexo propriamente dito, dando ênfase nas diferenças da forma como acontece em meninos e meninas. Diante dessa análise, no terceiro capítulo, são discutidas algumas possíveis conseqüências do Complexo de Édipo, mostrando a importância de cada fase e a passagem por elas.

## **1 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO**

### **1.1 O início da constituição**

Na convivência com outras pessoas, é possível observar como cada um é diferente. Basta se deparar com algum problema que veremos diversas maneiras de lidar e enfrentar tal empecilho. Há aqueles que fugirão, outros tentarão resolver o mais rápido possível, alguns negarão que aquilo lhe diz respeito e há ainda aqueles que conseguirão raciocinar para tentar resolver o que lhe foi apresentado. Enfim, cada pessoa reagirá da sua maneira.

Da mesma forma, na clínica psicanalítica nos deparamos com pacientes muito diferentes. Há uma diversidade de sentimentos, pensamentos, formas de enfrentamento e reações, independente da idade do paciente que está ali procurando alguma ajuda. Após acolher o paciente, escutar o que o leva até a análise pessoal, começa, por parte do analista, uma busca profunda pelo conhecimento do sujeito a sua frente. Mais precisamente, o conhecimento da forma em que esse sujeito funciona, como lida com suas frustrações, o que o angustia, para que assim possa oferecer-lhe a ajuda procurada.

Essa busca vai chegar ao momento em que esse sujeito foi constituído, lá onde possuem as marcas que lhe fizeram ser como é hoje. No senso comum, pode ser que se imagine que esse momento acontece na fase da adolescência, quando já são feitas algumas escolhas em sua vida. Pois se engana quem pensa assim. A constituição do sujeito começa na infância. Desde pequena, a criança vivencia algumas experiências que lhe deixam marcas inscritas. A forma como essas

inscrições serão vivenciadas é que farão o sujeito adulto, com todos os seus funcionamentos: mecanismos de fuga, de enfrentamento, reações e angústias.

Freud (1905 apud NASIO, 2007), ao analisar seus pacientes, que eram adultos, conseguiu perceber que os traumas que relatavam presentes em sua vida adulta, tinham, na verdade, origem na infância. Além disso, esses traumas que eram o recalque de algo da infância, tinham teor sexual.

Ao imaginar uma criança, pensamentos angelicais são mais comuns de surgirem e nunca algo relacionado a sexo. Entretanto, já há vida sexual na criança. Não como a vida sexual de um adulto. E é essa pulsão sexual na criança que será o fator constituinte do sujeito.

Faz parte da opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida designado da puberdade. Mas esse não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de graves conseqüências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual. Um estudo aprofundado das manifestações sexuais da infância provavelmente nos revelaria os traços essenciais da pulsão sexual, desvendaria sua evolução e nos permitiria ver como se compõe a partir de diversas fontes. (FREUD, 1905/2006, p.163).

## **1.2 A sexualidade infantil**

Quando falamos em sexualidade infantil, não se trata de relações sexuais propriamente dita. Freud (1905/2006) fala de reações fisiológicas das zonas erógenas excitadas. Ou seja, a criança tem alguma zona erógena de seu corpo sendo estimulada por algo ou alguém e isso lhe proporciona uma sensação boa, uma sensação de prazer.

Na psicanálise, acredita-se que quando o bebê estava dentro do ventre de sua mãe, experimentou uma sensação de prazer pleno, completo. Entretanto, esse sentimento de que nada está faltando, lhe é tirado ao nascer. Por isso, em sua

vida, o ser humano vai vivenciar essa eterna busca do prazer pleno que um dia já sentiu.

Essa busca começa a partir do momento em que o bebê é tirado do ventre da mãe. Nessa fase, o prazer está ligado à satisfação de suas necessidades biológicas. Segundo Freud (1905/2006), a atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente dela. Ou seja, seu objeto de desejo será aquilo ou aquele que provocará a sua satisfação, dando-lhe prazer. Então, o bebê ficará excitado toda vez em que ver a mãe porque ela é quem oferece o seio para que ele possa mamar e acabar com sua fome. Principalmente nos primeiros meses de vida, é a mãe quem vai dar banho e nesse momento, ao fazer a higiene das partes íntimas, acaba estimulando e provocando reações fisiológicas desses órgãos. Além de outros cuidados, como o frio, as cólicas, etc.

Nessa fase, Freud (1905/2006) vai chamar a sensação de prazer do bebê de auto-erotismo porque a pulsão sexual é satisfeita no próprio corpo e não está dirigida para outra pessoa. Essa parte do corpo que ao ser estimulada provoca uma sensação de prazer foi nomeada de zona erógena. Algumas zonas são comuns entre as crianças; entretanto, pode ser que alguma parte do corpo possa ser uma zona erógena para um e não ser para outro. Essas particularidades vão depender da história de cada um.

Freud (1905/2006) divide o desenvolvimento da organização sexual infantil em fases chamadas pré-genitais, já que as zonas genitais ainda não assumiram sua função sexual de reprodução. A primeira fase é chamada de oral exatamente porque sua atividade sexual está diretamente ligada com o prazer da satisfação nutricional, ou seja, o objeto sexual é incorporado para que provoque a

sensação de prazer. A segunda fase é a sádico-anal, nela já existe uma divisão de opostos, mas essa divisão trata-se do que é ativo e do que é passivo, ainda não passa pelo masculino e feminino. A atividade acontece pela pulsão dominadora da musculatura do próprio corpo e o órgão, alvo sexual, é o passivo que faz acontecer essa pulsão. Na fase sádico-anal, já é possível diferenciar a polaridade sexual e o objeto alheio; porém, ainda não há organização e finalidade reprodutora.

Mesmo diferente do adulto, em seu texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/2006) observa que a sexualidade infantil está presente e já começa a fazer inscrições nesse sujeito que está se formando. Exatamente por ainda não estar formado, a criança ainda não possui censura, vive sob a motivação de suas pulsões. Trata-se de um ser perverso polimorfo, ou seja, como não sabe o que é aceito ou não pela sociedade, se for seduzida, a criança terá gosto em todas as perversões. Como exemplo disso, podemos citar as crianças que não sentem vergonha de aparecerem em público nuas, mostrando suas partes íntimas; assim como, quando estão descobrindo o corpo e gostam de ficar olhando as partes íntimas do outro.

### **1.3 A amnésia infantil**

Entretanto, essas pulsões sexuais na infância não costumam ser levadas em consideração porque há uma amnésia desse tipo de sentimento na criança. Na maioria das pessoas, esse esquecimento apaga até os seis ou oito anos de idade. Mas ainda assim, essas vivências deixaram profundas inscrições no inconsciente, tornando-se muito importantes no desenvolvimento do sujeito.

Para Nasio (2007), essa amnésia começa a ser despertada com a introdução de regras na vida da criança. Os pais começam a repreender a criança se ela apresenta algum tipo de comportamento de cunho sexual. Ela passa a ter noção do que lhe é passado sobre o que pode e o que não pode ser feito, principalmente, relacionado à idade da criança. Logo, é melhor ignorar as pulsões sexuais e esquecer delas. Até porque os maiores objetos do desejo sexual da criança são os pais. Logo, a criança sente-se excitada e feliz com suas fantasias, seus desejos; porém, descobre que não pode sentir isso e que é até feio o que ela está sentindo. Dividida nesse paradoxo, ela não tem saída se não esquecer tudo. Com esse condicionamento orgânico, mais tarde essas pulsões condicionadas serão a causa de empecilhos no curso das pulsões sexuais, assim como o asco, o sentimento de vergonha, as exigências dos ideais estéticos e morais.

Lacan (1987) fala sobre as pulsões que a criança sente em relação ao seu objeto de desejo mais próximo, ou seja, o progenitor do sexo oposto. Entretanto, um terceiro objeto nessa relação vai frustrar a tentativa de saciação desses desejos. Esse terceiro objeto torna-se um obstáculo para chegar ao progenitor do sexo oposto. Esse terceiro objeto é o progenitor do mesmo sexo. Juntamente com essa frustração a criança sofre uma repressão educativa, que a impedirá de realizar suas pulsões assim como qualquer comportamento masturbatório. Assim, a criança acaba sentindo o que lhe é proibido fazer. Devido a esse processo, o progenitor do mesmo sexo passa a ser visto como autoridade de interdição e exemplo de sua transgressão para a criança. Diante dessa tensão a criança recalcará, ou seja, esconderá até esquecer essas pulsões, deixando em latência por um certo período.

Mesmo com essa pausa obrigada nas pulsões sexuais, Lacan (1987) destaca que essas não cessam, continuam acontecendo, mas o tempo todo sendo



controladas. Porém, a energia causada por essas pulsões acabam sendo desviadas para um outro fim; pois precisam ser liberadas de alguma forma, ou seja, elas acabam sendo sublimadas. O processo de sublimação quando não bem sucedido, acaba gerando a supressão radical dessas pulsões com os sentimentos já citados: vergonha, asco, culpa, etc.

#### **1.4 O Complexo de Édipo**

Um fato importante que acaba sendo esquecido nesse processo de amnésia na criança é o seu primeiro objeto de desejo e todo o percurso para solucionar esse desejo.

Lembrando que o prazer do bebê é proveniente da satisfação de suas necessidades para preservação da vida, a pessoa que faz esses cuidados será a responsável por esse gozo. Tornando-se o objeto de desejo daquele ser. Para todo bebê, independente do sexo, a primeira pessoa responsável por dar a comida, verificar a temperatura, deixar confortável, que representa aconchego e amor é a mãe.

Tendo como seu objeto de desejo, o bebê quer a mãe o tempo todo para ele. E, na visão da mãe, trata-se de um momento que realmente o bebê necessita dessa figura muito próxima dele. Para Freud (1923/2006), a relação é simbiótica entre mãe e filho, trata-se de uma díade. Além disso, o cuidado mais significativo e de mais prazer é a alimentação, mamar ao seio, que só a mãe pode fornecer ao bebê.

Nasio (2007) enfatiza que no decorrer do desenvolvimento, os cuidados vão diminuindo e a mãe não é tão necessária fisiologicamente. Então, essa

díade acaba se tornando uma tríade, na qual haverá a entrada da figura paterna. Nesse momento, o pai atrapalhará de alguma forma a relação de amor com a mãe. Essa inserção do pai acontecerá de forma e por motivo diferente para o menino e para a menina. Mas o que é preciso frisar é que esse corte nessa relação simbiótica, a forma como ele vai acontecer, o tempo, será essencial para a constituição do sujeito.

Esse processo que começa em torno dos três, quatro anos, foi chamado por Freud (1905/2006) de Complexo de Édipo. Até essa idade citada, as crianças acham que são todas iguais e possuem um amor incondicional por seu objeto de desejo mais precioso, a mãe. Essa mãe que também é objeto de desejo do pai e por isso, é visto pelas crianças nesse momento como um rival na disputa pelo amor da mãe. Entretanto, a partir dessa idade as crianças passam a ter muita curiosidade sobre o próprio corpo e vão investigá-lo. Quando o menino tem a oportunidade de observar o corpo de uma menina, descobre que ela não tem um pênis como ele. Diante disso, o menino fica muito intrigado achando que a menina perdeu esse pênis como forma de castigo. Já que é comum ser ameaçado com a perda de seu órgão genital como forma de castigo, principalmente relacionado a algum comportamento sexual. Ao ver que é possível perder seu pênis como uma forma de punição, o menino decide garantir o bem estar de seu órgão abrindo mão do amor da mãe. Com essa escolha, acaba aproximando-se mais do pai e admirando seu antigo rival. É melhor fazer a política da boa vizinhança.

Enquanto isso, Freud (1931/2006) coloca que quando a menina descobre o pênis do menino e se dá conta de que não o possui, apresenta sentimento de revolta contra a mãe. Afinal, sua mãe, seu grande objeto de desejo, falhou não lhe dando esse órgão tão importante. Além de se revoltar, decepciona-se

por perceber que sua mãe também não é perfeita, já que ela também não possui o pênis. Diante desses novos sentimentos, a menina volta todo o seu amor para a figura paterna. Dedica todo o seu amor a alguém que possui o pênis, afim de conseguir um para ela também. O Complexo de Édipo na menina é um pouco mais complicado. Porém, ao perceber que o pai também lhe negará o pênis, a menina decide obter de qualquer jeito o pai por inteiro. Dessexualizado, faz com que ele reviva nela, ou seja, identifica-se com a pessoa do pai real. Dessa forma, acaba pegando o jeito do pai.

Com a identificação com os traços do pai depois de já ter se identificado com os traços da mãe, assim, a menina sai da fase edípica, abrindo-se para futuros parceiros. Assim, Freud (1933/2006) afirma que a menina abre mão do pênis do pai para em troca conseguir um filho de seu futuro parceiro. Se esse bebê for do sexo masculino, mais completa será essa troca. Porque aí sim ela terá o “seu” pênis tão desejado.

Quando se encontra nessa fase, a criança começa a se deparar com as regras da sociedade. Se antes ela podia tudo, agora não pode mais. A partir da fase edipiana a criança começará a ter noção de que não é permitido realizar todas as fantasias causadas por suas pulsões sexuais. Por isso, trata-se de uma fase difícil; pois, ao mesmo tempo que está imersa a fantasias e desejos que causam prazer, sabe que não poderá realizá-las, sente-se frustrada e angustiada por sentir isso e por não saber o que fazer com isso.

O Édipo é a experiência vivida por uma criança de cerca de quatro anos que, absorvida por um desejo sexual incontrolável, tem de aprender a limitar seu impulso e ajustá-lo aos limites de seu corpo imaturo, aos limites de sua consciência nascente, aos limites de seu medo e, finalmente, aos limites de uma Lei tácita que lhe ordena que pare de tomar seus pais por objetos sexuais. (NASIO, 2007, p. 12).

O Complexo de Édipo, a forma como ele é vivido, e, principalmente, a sua resolução, é essencial para moldar o inconsciente da criança que ali está se constituindo. A partir dessa experiência, que ficará gravada no inconsciente, definirá aspectos importantes da vida sexual do sujeito, como: sua identidade sexual, traços de sua personalidade, assim como sua aptidão em gerir conflitos afetivos.

Um detalhe importante observado por Lacan (1987), é que o Complexo de Édipo se configura por meio de funções. Cada personagem, nada mais é do que uma função; por isso, não precisa ser exercido necessariamente por uma pessoa. Ao explicar o funcionamento desse complexo, Freud (1923/2006) nomeou seus personagens dando cada função ao pai ou a mãe. Assim fica mais claro didaticamente para ser compreendido. Porém, a função materna será exercida por quem estiver presente na vida da criança lhe proporcionando os cuidados, nem sempre essa pessoa será a mãe biológica da criança. Da mesma forma, a entrada da terceira pessoa no Complexo de Édipo pode não ser exercida pelo pai biológico da criança. Esse terceiro elemento que transformará a díade numa tríade; pode ser um avô, o trabalho da mãe, um tio ou até a própria mãe exercendo a função paterna. O importante é que haja o corte na díade mãe-criança, acabando com a relação simbiótica dos dois. Daí o nome que Lacan dá a essa função: metáfora paterna.

Trata-se, aqui, de uma função que deve ser entendida como algo radicalmente distinto da presença paterna, bem como de suas ocorrências negativas, tal a ausência, a carência e todas as outras formas de 'inconsistências' paternas. Esta função é tomada por Lacan como procedente da determinação de um lugar, ao mesmo tempo em que este lugar lhe confere uma dimensão necessariamente simbólica. Da mesma forma, por ser função simbólica, pode prestar-se a uma operação metafórica. (DOR, 1992, p. 77,78).

Esse capítulo serviu para dar uma ampla visão do Complexo de Édipo, no próximo capítulo será detalhada cada fase e enfatizada as diferenças entre cada gênero nessas fases.

## 2 O COMPLEXO DE ÉDIPO EM MENINOS E MENINAS

Como foi visto no primeiro capítulo, meninos e meninas passarão pela fase de constituição da personalidade de formas diferentes. Cada um vai ter seu tempo e suas características.

Para que a criança vivencie o fenômeno do Complexo de Édipo, ela precisa antes de mais nada separar-se da simbiose que forma mãe-bebê, conquistar o seu próprio corpo. Ao nascer, a criança olha para a mãe como se ela fosse parte dela. Os dois formam um só. Para entender melhor essa fase, Lacan (1998) usa a metáfora da imagem no espelho, chamando assim, de estágio do espelho. Para Dor (1992), Lacan considera o Complexo de Édipo contemporâneo ao estágio do espelho, onde se esboça para a criança um certo tipo de identificação tendo por pano de fundo uma relação de alienação específica com a mãe. Quando o bebê possui esse sentimento simbiótico com a mãe e, por isso, não consegue diferenciar o que é dele e o que é da mãe. Assim como apenas diferencia o que não é a sua mãe. Ao colocar esse bebê na frente do espelho, ele não será capaz de reconhecer a sua própria imagem. Ele achará que se trata de um outro bebê.

Nesse primeiro momento, Dor (1992) afirma que a criança, vendo sua imagem refletida no espelho, acha que está vendo uma outra criança, um ser real. Ela tenta se aproximar ao máximo ou apreender esse ser real que ela acha estar vendo. Essa percepção só é possível devido a relação da criança com seus semelhantes, seus pais e, principalmente, a mãe. A criança só consegue se orientar no que ela vivencia no outro.

Num segundo momento, a criança consegue perceber que o que ela vê no espelho não é outra criança, mas uma imagem. Por isso, ela não tenta mais

alcançar “o outro”. Assim, ela já é capaz de diferenciar a imagem da realidade do outro.

Conseguindo diferenciar uma imagem, a criança acaba se reconhecendo nessa imagem, ou seja, ela percebe que a imagem que ela está vendo no espelho é a imagem dela mesma. Lacan (1998) destaca a importância dessa fase para a estruturação da identidade do sujeito, por meio dela se realiza a identificação primordial. A criança perde a imagem do corpo esfacelado para conquistar a imagem do seu próprio corpo.

Lacan (1998) pontua que esse movimento só acontece com a nomeação da mãe, se esse Outro não mostrar esse olhar para o bebê, ele continuará num movimento simbiótico com a mãe. Mais que poder reconhecer a imagem do próprio corpo diante do espelho, o bebê poderá, a partir desse momento, ocupar o seu próprio lugar na família e na sociedade. E esse olhar constituidor do Outro fará diferença na continuação da constituição desse Eu que está apenas começando.

## **2.1 O começo do Complexo de Édipo**

As crianças, até por volta de seus três a quatro anos de idade, têm a plena convicção de que são todas iguais. Até essa idade ainda não existe diferença entre meninos e meninas.

Falando especificamente dos meninos, começam a perceber o órgão genital que possuem nessa fase. Tudo gira em torno dele. A mãe toma todo o cuidado e faz questão de deixá-lo bem limpo na hora do banho, apelidos carinhosos são dados a ele e, além disso, provoca sensações prazerosas quando tocado. Torna-se inevitável que o menino valorize esse órgão tão visado e transformando-se

em sua principal zona erógena nesse momento. Não só pela questão biológica, mas principalmente, pelo valor simbólico que o menino percebe que esse órgão possui, o pênis passa a ser a coisa mais importante e a que ele mais se orgulha de ter, faz dele seu objeto narcísico mais precioso.

Esse órgão simboliza o poder, ou seja, ele é tão valorizado e tão desejado que a pessoa que o possui, torna-se onipotente. Esse poder, desejado por todos, indiferentemente do sexo, foi chamado por Freud de Falo. Entretanto, Freud (1905 apud NASIO, 2007) deixou bem claro que o Falo não é o pênis, mas sim esse pênis fantasiado, idealizado e poderoso. Logo, o menino sente-se um rei por saber que tem esse Falo.

Por sentir que tem todo esse poder, o menino acredita que pode realizar todos os seus desejos e seu principal objeto de desejo é sua mãe, aquela que até então satisfazia todas as suas necessidades. Nessa fase, o menino já reconhece o Outro e sente forte impulso de realizar seu desejo nesse Outro.

Em suma, a criança edipiana é arrastada por um impulso que a leva e pressiona a procurar prazer na troca sensual com os corpos daqueles a quem ama, de quem depende e que também são criaturas desejantes, criaturas que despertam e exercitam seu desejo. (NASIO,2007, p. 25).

Esse desejo do menino possuir sua mãe, trata-se de uma mistura de sentimentos eróticos e agressivos. Nesse primeiro momento do Édipo, ele realmente deseja possuir sexualmente sua mãe.

O processo edípico da menina não acontece da mesma forma. O menino naturalmente entra direto no Complexo de Édipo, ou seja, sentindo desejo pelo sexo oposto. O primeiro objeto de desejo do menino já é do sexo oposto, sua mãe. No caso da menina, antes de entrar no Complexo de Édipo, ela passa por uma fase preparatória, que Freud (1931/2006) chamou de fase pré-edípica, para depois entrar

no Complexo de Édipo propriamente dito. Nessa fase, a menina também possui como objeto de seu desejo a mãe. Assim como o menino, a menina acredita que possui o Falo e, por isso, sente-se poderosa a ponto de tentar realizar seus desejos sexuais, que nesse momento, estão voltados para a figura da mãe, que é aquela que supre suas necessidades fisiológicas e lhe dá carinho. Biologicamente, a menina acredita que o seu clitóris é o Falo. Esse órgão feminino também se apresenta como um apêndice e provoca sensações de prazer na criança do sexo feminino. A menina na fase pré-edípica é feliz, orgulhosa por possuir o falo, exibicionista e até agressiva. Ela até assume uma postura masculina por sentir prazer em possuir a mãe só para si.

Em relação a essa fase da constituição do sujeito, Lacan (1995) chamou de primeiro tempo do Édipo e afirma que para obter o amor do objeto amado, ou seja, sua mãe, o sujeito irá buscar se identificar com o objeto de desejo da mãe. Afinal, se a criança conseguir satisfazer o desejo da mãe; logo, será o seu objeto de desejo. Por isso, a criança é o próprio Falo, sendo assim, é o que necessita para suprir as necessidades da mãe.

## **2.2 As fantasias edípicas**

Durante o Complexo de Édipo, Nasio (2007) identifica três tipos de fantasia pelas quais o menino passa.

A primeira é exatamente a que deseja possuir a mãe. O menino sente o desejo incestuoso de possuir o Outro, quer ter o direito sobre sua mãe e tê-la só para ele. Esse desejo é sentido e colocado em prática por uma criança, que passa por isso na ordem do inconsciente. Uma criança que não tem maturidade e nem o



corpo adequado para tal. Sua forma de expressar essa fantasia pode se manifestar em brincadeiras de “papai e mamãe”, em brincar de médico, exhibir-se querendo ser o centro das atenções, morder partes do corpo da mãe, etc.

A segunda fantasia, após possui o Outro, é a de ser possuído pelo Outro. Nesse caso, o menino seduz algum adulto para se tornar objeto dele. Esse adulto é principalmente o pai. O menino tenta fazer papel de vítima nessa fantasia, como se ele tivesse sido seduzido pelo adulto mau. Porém, o que acontece, na verdade, é que a criança seduz primeiramente para ser seduzida.

A última fantasia vai refletir o desejo do menino de suprimir o Outro, ou seja, o pai. Trata-se de uma atitude sexual ativa, provocando prazer sexual como as outras fantasias. O menino percebe que disputa o amor de sua mãe com um terceiro, tentou seduzi-lo, mas não teve sucesso; então ele precisa eliminar o seu rival ou corre o risco de perder o amor todo da mãe para si. É possível observar isso na prática quando o menino faz de conta de ser o chefe da família na ausência do pai, quando o menino quer dormir com a mãe, etc.

Já no caso da menina, Nasio (2007) observa apenas duas fantasias: a de possuir a mãe e a de ser possuída pelo pai. Primeiro, a menina se assemelhará a conduta do menino, achando possuir o Falo, desejará possuir a mãe de qualquer jeito só para ela. Posteriormente, ao perceber que não possui o pênis e que sua mãe não é a pessoa que poderá lhe dar esse Falo faltante, a fantasia passará para o sexo oposto e a menina desejará ser possuída pelo pai, quem poderá lhe oferecer o Falo.

### 2.3 As descobertas infantis

A fantasia do menino caminha muito bem até que, de alguma forma, ele descobre que não são todas as crianças que possuem aquele órgão poderoso, o pênis. Ao descobrir isso, o menino encontra-se num paradoxo de sentimentos. Observando que as meninas não possuem o Falo, como ele, passa a se sentir superior a elas e as considera seres repugnantes. Ao mesmo tempo, sentem muita angústia; pois, acham que as meninas possuíam o pênis e, por algum motivo, esse lhes foi tirado. Diante desse pensamento, os meninos ficam com medo de também acontecer o mesmo com eles. Ou seja, temem fazer alguma coisa de errado e serem punidos com a perda do seu Falo. Trata-se da angústia de castração, no qual o menino teme ser castrado como punição. Esse fenômeno acontece na ordem do inconsciente. Enquanto o menino tiver desejo, ficará angustiado com medo de ser punido. Esse medo fica maior porque o menino, rivalizando com o pai pelo amor da mãe, percebe que nessa luta ele pode acabar perdendo seu órgão tão precioso.

Diante das três fantasias de prazer que o menino vivencia, sentirá também a angústia da castração. Em sua fantasia de possuir a mãe ou até de ter um filho com ela, a castração recairá sobre o seu bem mais precioso, o pênis. E quem fará com que ele perca seu pênis é o pai, que representa a proibição da realização desse desejo incestuoso.

No caso da fantasia de ser possuído pelo pai, a castração acontece de forma diferente. O pênis que simboliza a virilidade do menino, poderá ser usado pelo pai sedutor caso ele vá longe demais com a sedução. Assim, o menino onipotente e poderoso, deixará de ser viril e se tornará mulher-objeto do pai. Dessa forma, nessa fantasia quem ameaça não é o pai repressor e, sim, o pai sedutor.

Já na fantasia de suprimir o pai, afastando seu rival, há novamente a castração propriamente dita, na qual o pai odiado como rival, ameaça castrá-lo se o menino quiser um embate com ele.

Do mesmo jeito que o menino descobre que nem todo mundo é detentor do Falo, a menina também descobre isso. Entretanto, sua descoberta lhe causa enorme dor porque ela descobre que ela não possui o Falo. Nesse momento, a menina fica muito decepcionada porque tudo o que ela acreditava não existe mais. Nasio (2007) fala que a menina sofre a fantasia da dor de privação porque sente-se privada do Falo que ela achava ter. Enquanto o menino sofre a angústia de perder, a menina sente a dor de ter perdido.

Além dessa dor, a menina fica imediatamente revoltada, sente que foi enganada pela mãe. Aquela mãe que ela tanto desejava lhe tirou o Falo e não é merecedora de tanto desejo porque ela mesma não possui o Falo. Com essas conclusões, a menina passa a rejeitar a mãe. Torna-se um momento muito difícil para a menina que, além de ter que lidar com essa nova realidade, não consegue mais confiar na mãe e ainda não recorreu ao pai. Sente-se humilhada, com sua auto-imagem ferida.

Diante dessa falta, a menina quer ter o falo para ela de qualquer jeito. O sentimento de humilhação transforma-se em inveja do falo, quer ter o poder de volta para ela. Segundo Nasio (2007), o órgão peniano não interessa para a menina, ela quer o poder que ela atribui a ele. Isso a deixa com inveja. Para tentar conseguir esse Falo, a menina passa a ter como objeto de seu desejo o pai, o detentor do Falo. A menina que está tão frágil e magoada com as últimas descobertas que fez, recorre ao pai, que considera o todo-poderoso, para que ele possa lhe dar esse Falo e assim, ela voltará a ser onipotente. Assim, ela sexualiza o pai, entrando, por fim,

no Complexo de Édipo. Nessa fase, a menina deseja ser possuída pelo pai, como mulher. Almejando assumir a posição de mulher amada pelo pai, a menina passa a ficar fascinada com a mãe após ter se magoado tanto com ela. Como a menina vê que a mãe é o grande objeto de desejo do pai, ou seja, sua rival que ela precisa derrotar para ter o amor do pai, a menina torna-se observadora de sua mãe, em suas atitudes, seu jeito e, principalmente, na maneira de conquistar um homem. A mãe torna-se um exemplo de mulher amada e de feminilidade. Na prática, é possível observar as meninas querendo imitar suas mães, fazendo as mesmas coisas que as mães fazem: querem se vestir iguais, usar maquiagem, salto alto, exercer a mesma profissão, começam a brincar simulando ter um filho desse pai, demonstrando todos os cuidados exatamente como as mães fazem. Dessa forma, acontece o primeiro movimento de identificação da menina com o desejo da mãe: de ser a mulher do homem amado e de lhe dar um filho.

Essa etapa é chamada de segundo tempo do Édipo por Lacan (1995), na qual será inserida a presença da figura paterna. Entretanto, nesse momento, essa presença se dará por meio do discurso da mãe. Em sua fala, a mãe apresentará o pai proibidor, que privará tanto menino quanto menina de serem o objeto de desejo dela. Essa relação simbólica onde o pai é colocado na díade mãe-criança, formando agora uma tríade no lugar da relação dual, é chamada de metáfora paterna. O pai que já existia numa função real ainda não tinha sido colocado para a criança. A partir do momento que a mãe passa a nomear esse pai, principalmente, na função de Lei, que delimitará o poder dessa criança, ele se fará presente não apenas no Real, mas também na ordem simbólica para a criança. Nesse campo simbólico, onde o pai aparece como privador da mãe, a criança se desvinculará da sua identificação e terá

o primeiro contato com a Lei em sua vida, percebendo que a mãe não é simplesmente seu objeto de desejo, mas um objeto que o Outro tem o não tem.

#### **2.4 A dissolução do Complexo de Édipo**

O pênis – Falo é o bem mais precioso do menino de quatro anos, que por um momento se viu muito poderoso devido ao seu órgão genital. Entretanto, Freud (1924/2006) destaca um momento importante que mudará a posição do menino, quando a mãe lhe faz perceber que o amor de sua vida é o seu pai e que não será posse do filho. Além disso, se depara com a figura do pai, seu grande rival, ameaçando a castração de seu pênis, lhe mostrando que não seria fácil realizar seus desejos, mesmo com toda essa onipotência. E que ainda poderia perder seus poderes se realizasse seus impulsos, o menino não vê outra saída, abre mão do amor que sente pela mãe para proteger seu bem tão precioso. Ao fazer essa escolha, de renunciar à mãe, o menino dessexualiza os pais e recalca desejos, fantasias e angústia, ficando em latência por algum tempo. Essa escolha lhe traz grande alívio, já não tem mais que brigar com seus desejos e nem corre o risco de perder o Falo. Diante dessa nova fase, o menino pode sentir desejo por outros objetos, que dessa vez não se tratará de desejos incestuosos, serão possíveis à sua realidade, podendo escolher parceiros fora de sua família, e, assim, Freud (1924/2006) sinaliza a saída do menino do Édipo.

Enquanto o menino resolve o seu Édipo ao entrar em contato com a angústia de castração, a menina entra no Édipo ao sofrer a dor da privação do Falo. Da mesma forma, a dissolução do Complexo de Édipo na menina vai ser diferente. O menino escolhe preservar seu objeto narcísico e renuncia aos seus impulsos

sexuais. Para a menina não é tão simples assim, demora anos até que consiga resolver esse Édipo.

A menina queria tomar o lugar da mãe, ser a mulher amada do pai e, assim conseguir o Falo de volta para ela. Porém, o pai deixa bem claro para a menina que não há a possibilidade de ela ter esse amor. O pai ama a mãe e não quer a filha como mulher. Então, já que a menina não pode ter o pai, resolve ser como ele. A menina recalca seu desejo de ser possuída pelo pai, mas sem renunciar a pessoa do pai. Nasio (2007) afirma que assim ela dessexualiza o pai ideal, revivendo o pai real nela. O pai fantasiado é morto, mas vive como modelo de identificação na menina. Dessa forma, a menina acaba se apoderando dos trejeitos do pai.

Antes, a menina identificou-se com os traços femininos da mãe para obter o amor do pai, como não conseguiu, identifica-se com os traços masculinos do pai. Com esse movimento, a menina é capaz de abandonar a cena edipiana e abrir-se para futuros outros parceiros em sua vida de mulher. Seguindo o exemplo de sua mãe, ela poderá encontrar um outro parceiro, que não seu pai, de quem será a mulher amada e poderá ter um filho com ele.

A menina descobre a vagina, o desejo de ser penetrada e gozar com o pênis na união sexual; da mesma forma, descobre o útero e seu desejo de carregar um filho do homem amado.(NASIO, 2007, p. 61).

Ao perceber que a mãe é submissa a uma lei que vem do Outro, a criança entra no terceiro tempo do Édipo de Lacan. Em seu texto *Os três tempos do Édipo*, Lacan (1995) fala que nesse momento, o pai prova ser o dono da Lei. Ele prova que a criança não consegue ser o Falo da mãe, é o pai quem o possui e quem tem condições de dar isso a mãe. O pai é quem decide se a mãe terá ou não esse Falo. A onipotência do pai passa do campo simbólico para também no campo real. O pai

se revela como aquele que tem o Falo e pode dar isso a mãe, determinando a saída do Édipo. Com essa figura do pai poderoso, a criança, ao se identificar com ele, constrói o seu Ideal de eu.

.

### 3 AS CONSEQUÊNCIAS DO COMPLEXO DE ÉDIPPO

A constituição do sujeito depende da forma como o Complexo de Édipo se instala na criança e, principalmente, como ele é vivenciado por ela. Essa intensa fantasia de extrema importância na vida do sujeito também se caracteriza por ser um momento muito difícil. Pois, a criança, em sua imaturidade, é obrigada a lidar com seus desejos incestuosos. Desejos que até então ela não sabia que eram proibidos, que não podiam ser realizados. Ainda pequena, também tem que fazer escolhas, lutar ou abrir mão de seus desejos. Além disso, ainda passa por frustrações; já que essas proibições são feitas por seus objetos de desejo, seus progenitores.

Esse momento difícil deixará marcas que formarão a personalidade do sujeito, ou seja, a partir dessa experiência, o sujeito constituirá seus pensamentos, atitudes e como se relacionará daí em diante. Principalmente, com a dissolução do Complexo de Édipo, tanto meninos e meninas, cada um seu tempo, aprenderá que apesar de sentirem muitas vontades, nem todas poderão ser realizadas. Algumas são até feias de serem sentidas.

Esse esforço do eu para conter e assimilar o arrebatamento do desejo traduz-se na criança por sentimentos, palavras e comportamentos contraditórios em relação aos pais. Essa atitude ambivalente, até mesmo incoerente da criança, vai instalar-se duradouramente na personalidade do sujeito como um modelo de todas as atitudes que ele adotará, adulto, diante daqueles que despertarem nele o desejo de possuir o outro, ser possuído por ele ou destruí-lo. (NASIO, 2007, p.94).

Os conflitos vivenciados já na vida adulta serão causados exatamente pelo impedimento da realização plena dos desejos ou pela impossibilidade de não senti-los. Essas características nos levam a pensar numa neurose, assim como o próprio Complexo de Édipo trata-se da primeira neurose saudável na vida de um sujeito, seguida pela crise da adolescência. No Complexo de Édipo, a criança passa



por sentimentos de ódio, amor, raiva, desejos por quem ama e de quem depende. Essa contrariedade de sentimentos caracteriza uma neurose.

### **3.1 Neurose ordinária**

Uma das conseqüências do Complexo de Édipo é a neurose ordinária na vida adulta. Aqueles conflitos da vida adulta que misturam diversos sentimentos contraditórios, nos quais, uma hora se ama, na outra se odeia. E esses sentimentos sempre estão voltados para as pessoas mais próximas, ou seja, aquelas que se amam. Ou então, pode ser que esses sentimentos apareçam através de alguém que desperta algum desejo semelhante àqueles incestuosos vividos na infância.

Resumindo, a neurose ordinária é a contrariedade dos sentimentos, devido a briga das instâncias psíquicas. Os impulsos brigando com o supereu, que diz se pode ou não pode realizar tal impulso.

Nasio (2007) vai dizer que apesar desse desconforto, é até bom estar nessa neurose; pois assim há uma proteção de uma loucura pulsional que está sempre rodeando para sair de cada sujeito.

Essa também é uma neurose saudável, que não impede que o sujeito tenha uma vida social e ele consegue lidar com esses conflitos internos sem que prejudique suas atividades rotineiras.

Essa neurose de todos os dias, perfeitamente compatível com uma vida social aberta e criativa, é resultado da dessexualização insuficiente dos pais edipianos. As fantasias de prazer e angústia mal recalçadas preservaram toda a sua virulência e geraram essa neurose cotidiana presente em nós. (NASIO, 2007, p.95).

## **3.2 Neurose mórbida**

O Complexo de Édipo também pode deixar heranças patológicas, como é o caso da neurose mórbida. Durante a vivência do período edipiano, a criança pode passar por sensações e sentimentos intensos que lhe causem muito sofrimento e acabam marcando, gerando traumas que se postergam pela adolescência e pela vida adulta. Esses traumas acarretam, na vida do sujeito, sintomas recorrentes, que encerram-no numa solidão narcísica e doentia.

A neurose mórbida pode ser de três tipos: fobia, obsessão ou histeria. Os tipos de trauma que o adulto carrega em seu inconsciente desde a sua infância classificará a sua neurose mórbida.

### **3.2.1 Fobia**

Ao voltarmos nas fases do Complexo de Édipo, quando a criança começa a descobrir que ela não é o Falo da mãe, sente-se frustrada e sozinha. Tanto o menino quando percebe que o Falo da mãe não é ele, mas o pai, ou o terceiro que entrará no Édipo. Tanto a menina quando descobre que não possui o Falo porque a mãe não lhe deu. Nesse momento, a criança sente como se tivessem tirado o seu chão. Toda aquela potência que ela acreditava ter, não tem mais. Sente-se abandonada pela pessoa que mais amou até então e em quem mais confiava.

Esse abandono é muito significativo e estruturante para as próximas fases; porém, pode deixar seqüelas se for muito dolorido para a criança. Mesmo sendo uma fantasia infantil, a aflição do abandono é sentido como uma verdade para a criança, resultando na fobia no adulto.

Na clínica, ao entrar em contato com um paciente fóbico é preciso investigar em seu passado algum incidente no qual ele se sentiu muito abandonado, seja real ou imaginário esse abandono. No caso da neurose masculina, ela se dá pelo retorno da fantasia do abandono do pai repressor. Já na mulher, se apresenta a fantasia do abandono da mãe. Será possível observar esse mecanismo porque a fobia é a projeção dessa angústia em algo exterior, ou seja, o paciente terá muito medo de algo externo porque está projetando o medo do abandono do pai repressor. Há a transformação da angústia inconsciente num medo consciente.

### **3.2.2 Histeria**

Segundo Nasio (2007), a histeria é causada por um desejo sexual infantil na cabeça de um adulto, cujo objeto de desejo é uma criatura forte ou fraca. Esse tipo de neurose acontece quando a criança sente prazer excessivo na fase edipiana. Dessa forma, observa-se que não é só o sofrimento que pode provocar traumas, mas também o prazer sexual excessivo.

Durante o Complexo de Édipo, a criança sofreu por sentir um prazer erógeno muito intenso que tomou conta de si e por ainda ser imatura, não soube lidar com seu desejo e as sensações prazerosas. Por ser tão intenso, o eu infantil ficará traumatizado e ficará revivendo esse trauma repetidas vezes. Gravada no inconsciente da criança, a cena de ter sido seduzida por um dos pais, ao se tornar um adulto, continuará repetindo esse prazer erógeno intenso que causa um mal estar, um certo sofrimento, só que com outros parceiros.

Clinicamente, o paciente histérico demonstra revolta quando se encontra numa relação de dependência com um outro admirado e que possui autoridade. O

histérico sempre vai se colocar num papel de vítima, sentindo-se oprimido e sem autonomia nenhuma diante desse outro. É como se o outro da relação fosse um tirano, autoritário, que tem que ser paralisado. O paciente se vê submisso nessa relação e com a revolta sente uma enorme necessidade de proteger seu amor-próprio. Ele tem a impressão de que o outro lhe roubou o Falo e precisa tê-lo novamente. No caso do homem, ele sentirá que está sendo tratado como uma mulher; já que para ele, a mulher é fraca e não possui o Falo. No caso da mulher, se sente vítima e submissa exatamente porque sabe que não possui o Falo e acha que o outro é machista e está se aproveitando dessa situação.

O histérico é um paciente muito difícil; pois, a transferência com a analista pode resultar na revolta do paciente com seu terapeuta. O analista torna-se para o paciente o seu pai sedutor que precisa ter a autoridade destruída. Assim, a tendência é que o paciente interrompa o tratamento abruptamente; pois, cada intervenção de seu analista será interpretada como abuso de poder. Logo, o tratamento é interrompido pelo homem pela angústia de ter alguém lhe tirando o Falo; e pela mulher por ter raiva e inveja do Falo do outro que ela não tem.

### **3.2.3 Obsessão**

Ao escutar um paciente obsessivo, o analista descobrirá uma cena na qual recorda uma criança que, sentindo muita raiva de não poder realizar seus desejos, sente muito medo de ser punida pelo pai. Aquele pai que é o seu rival no Complexo de Édipo e que a impede de colocar em prática os seus desejos.

Portanto, a obsessão é o deslocamento da angústia de castração do inconsciente para o consciente, resultando num sentimento de culpa. Essa culpa é a angústia de achar que fez algo errado e precisa ser punido por isso. Dessa forma, a

angústia que a criança sentia de temer que o pai rival a espancasse se transforma na angústia de ser castigado pelo próprio supereu.

Toda neurose acontece pelo retorno freqüente de uma fantasia infantil de angústia de castração e elas não acontecem de forma isolada; mas como uma neurose mista com predominância em fobia, ou histeria, ou obsessão.

### **3.3 Algumas variantes do Édipo feminino**

Com as possibilidades de neuroses já citadas, é possível perceber que o término do Complexo de Édipo não significa que todos os conflitos internos acabaram e que todos serão felizes para sempre. Observa-se que o Édipo tem sua reativação na vida adulta. No caso da mulher, sabe-se que o próprio Complexo de Édipo é vivido de maneira diferente e mais complicada que no homem.

O tempo dessa fase é diferenciado entre os gêneros e; por isso, podemos pensar em tempos diferentes para surgirem as dificuldades em lidar com os conflitos entre os gêneros. Sabe-se que o menino entra no Complexo de Édipo antes da menina; logo, com freqüência podemos observar meninos sendo levados às clínicas de psicologia por estarem apresentando divergências de comportamento: agressividade, afastamento da mãe, notas baixas na escola, dispersão, etc. Porém, a menina entra no Complexo de Édipo mais tarde e, ainda assim, sua dissolução não acontece logo em seguida, como no menino; por isso, podemos observar um índice maior de mulheres adultas nos consultórios de psicologia. Pois, mesmo depois do Édipo, a mulher vive rodeada de seus conflitos internos, que segundo Nasio (2007) são provenientes ainda da inveja do Falo.

Quando essa inveja é vivida intensamente na infância da menina, Freud (1933/2006) mostra que pode retornar na vida adulta por uma repulsa sexual histórica ou por um complexo de masculinidade.

No caso da repulsa histórica, a mulher continua se sentindo da forma como quando descobriu que não possuía o Falo. Ela sente-se inferiorizada e desmerecedora das coisas. A menininha que ainda está dentro da mulher acha que não é digna de ser amada, que não é interessante. Então, se conforma com a solidão, causando forte repulsa pela sexualidade. Por mais que ela busque, sente-se fadada ao fracasso em sua vida amorosa.

Já no complexo de masculinidade, pelo contrário, Freud (1933/2006) destaca que a mulher acredita que possui o Falo; e por isso, sente-se onipotente. Torna-se uma mulher desafiadora, acentuando seus traços masculinos. Nesses casos pode até ser que ocorra a homossexualidade propriamente dita.

Outro fator importante levantado por Nasio (2007) trata-se de uma angústia tipicamente feminina. Essa angústia é devida ao medo da mulher de ser abandonada pelo homem amado. Enquanto o Falo para o homem representa a força; para a mulher representa o amor. Por isso, ela tem o grande desejo de amar e ser amada, sentir-se protegida e vive com os fantasmas do abandono de quando foi enganada e abandonada por sua mãe. Então, por qualquer motivo, desconfia de seu parceiro, achando que ele irá traí-la e abandoná-la. Dessa forma, o amor parece ser frágil, tendo que ser reconquistado sempre para a mulher.

## CONCLUSÃO

O presente estudo permitiu compreender por que existe uma diversidade de pacientes encontrados na clínica. Nessa diversidade é possível encontrar diferentes idades, diferentes formas de queixas que demandam uma intervenção psicanalítica.

A partir da revisão bibliográfica a respeito da constituição do sujeito, chega-se à conclusão de que cada indivíduo viverá a fantasia do Complexo de Édipo. Essa fantasia, que é uma experiência muito forte, principalmente por se tratarem de crianças, que ainda não possuem maturidade o suficiente para lidar com esse tipo de conflito. Aliás, um conflito que acontece na mente da criança e, mesmo se tratando de adulto, surge como um medo infantil. Ainda é a criança dentro do adulto que se apresenta dividido em busca de defender o seu Falo.

Ao analisar o Complexo de Édipo e tudo o que ele proporciona, torna-se mais claro a dinâmica de alguns pacientes que procuram a Psicanálise. No público infantil, é comum encontrarmos mais meninos. Refletindo sobre o tema desenvolvido nesse trabalho, é possível concluir que a fase edípica do menino é relativamente mais rápida e mais simples do que a da menina. Enquanto o menino entra no Complexo de Édipo desejando a mãe; esse desejo para a menina trata-se apenas de uma preparação. A menina primeiro tem que desejar a mãe e ser frustrada por ela para desviar seu foco de desejo para o pai; e aí sim entrar no Complexo de Édipo. Da mesma forma, quando o menino descobre que a menina não tem o Falo e por isso opta por defender o seu a ter o amor da mãe, saindo do Édipo; a menina descobre que não tem o Falo e entra no Édipo quando volta o seu

amor para o pai; já que está decepcionada com a mãe que não lhe deu o Falo. Sendo o defensor de seu Falo, é comum que encontremos meninos na clínica, querendo ser super-heróis, com queixa de agressividade, desobediência. Isso tudo porque ele se acha o poderoso e pode tudo contra todos, principalmente para mostrar para seu rival, o pai, que não tem medo dele ou até que sim, não deseja mais a mãe, mas continua tendo a força.

Porém, enquanto o menino está querendo mostrar sua onipotência, a menina está decepcionada e sentindo-se humilhada porque descobriu que não possui o Falo. Logo, encontramos as meninas mais quietas, concentradas nas questões da escola; afinal, precisam fazer tudo certinho para merecerem o amor de seu pai, brincando de princesas, fingindo serem suas mães. Refletindo sobre esses comportamentos de meninos e meninas, fica fácil imaginar qual deles evoca mais trabalho de seus pais, que às vezes, pode se tornar um comportamento muito difícil de ser controlado por eles. Logo, os meninos acabam sendo levados ao consultório psicológico porque os pais já não sabem lidar com o comportamento do filho; seja na agressividade, no mau desempenho na escola, na desobediência, etc. Em contrapartida, as meninas, em sua maioria, não dão trabalho e estão sendo a filha que todo pai pediu.

Assim, o menino vai ao psicanalista e trabalha esses sentimentos de raiva, amor, ódio, ciúme, que nem ele sabe do que se trata. Ao aprender a lidar com esses sentimentos, sai do Complexo de Édipo e segue sua vida.

A menina quietinha e melhor aluna da sala, carrega dentro de si toda a carga do Complexo de Édipo durante muito tempo. Isso acontece porque ela não consegue resolver suas questões edípicas de uma só vez. A menina passa a sua infância buscando pelo seu Falo perdido; por isso, existe uma forte cobrança em ser merecedora dele e, quando pequena, será muito difícil que essa menina apresente



algum sintoma que leve seus pais a procurarem um psicólogo para saber o que está acontecendo. Entretanto, como a menina não consegue resolver esse Complexo de Édipo, a menina que se torna mulher continua em sua busca. A busca desse amor que ela perdeu. Lembrando que o Falo para a menina representava o amor, ela tinha esse amor e o perdeu. Quando consegue dar um rumo às suas questões edípicas, ou seja, seu desejo passa a ser de um outro homem e com ele ter um filho; a mulher vive assombrada com esse medo de perder novamente esse amor. Por isso, no consultório psicanalítico, o público adulto é constituído, em sua grande maioria, de mulheres.

Esse é um estudo e um tema de extrema relevância. Certa vez, no primeiro dia do meu estágio em Psicanálise Infantil, ao ser questionada sobre minha motivação em relação ao estágio, respondi que gostaria de fazer o estágio em Psicanálise e atender adultos, mas como não tinha mais vagas, o jeito foi me inscrever naquele, já que também era de Psicanálise. Diante dessa resposta, minha orientadora retrucou, sem pestanejar, que a Psicanálise em adultos nada mais era do que tratar a criança de dentro dele. Desde então, minha atenção se voltou para a criança e em tudo o que ela significa. Essa fase da vida e como ela se inscreve no sujeito será determinante nele quando adulto também. Se essa inscrição for, de alguma forma, prejudicial a esse sujeito; apesar de determinar como ele será quando adulto, existem possibilidades para reescrever essa história. Pode ser por meio da análise, como também, a vida poderá apresentar novos caminhos para esse sujeito.

O senso comum afirma que a infância é a melhor fase da vida. Entretanto, imagine uma criança, cujo semblante lembra o mais puro dos seres, já sentindo desejos e logo, pelos seus pais. Além disso, essa criança sofre, mesmo se

tratando de uma fantasia, mas que para ela é como se fosse real, todos os acontecimentos do Complexo de Édipo. É um momento muito difícil e angustiante para essa criança que ainda não está preparada para esse tipo de dilema. Porém, devido a esse dilema e todas as frustrações que ele causa à criança, que tornará o sujeito como ele é, que o constituirá como sujeito.

Mesmo com todas essas teorias e observações de pacientes, não se pode esquecer que cada sujeito tem a sua particularidade e escreverá sua própria história. Ao contrário do que muitos pensam, a Psicanálise não se trata de uma ciência determinista e, por isso, esse tema ainda é foco de muitos estudos de autores contemporâneos, principalmente porque a clínica infantil cresce a cada dia, despertando diversas novas questões.

## REFERÊNCIAS

DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas, v.1, 1992.

DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas, v.2, 1995.

FREUD, Sigmund. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.7, 2006.

FREUD, Sigmund. (1923). *A organização genital infantil: Uma interpolação na teoria da sexualidade*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.19, 2006.

FREUD, Sigmund. (1924). *A Dissolução do Complexo de Édipo*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.19, 2006.

FREUD, Sigmund. (1925). *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.19, 2006.

FREUD, Sigmund. (1931). *Sexualidade Feminina*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.21, 2006.

FREUD, Sigmund.(1933). *Conferência XXXIII: Feminilidade*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.22, 2006.

LACAN, Jacques. (1949). *O Estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar, v.4, 1995.

LACAN, Jacques. *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

NASIO, J.-D. *Édipo, o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.